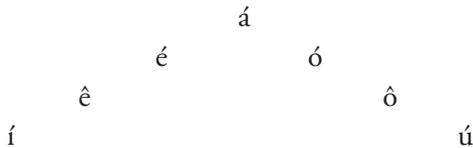


Paradigma e corrente da fala a propósito do vocalismo mirandês*

por J. HERCULANO DE CARVALHO

OVOCALISMO TÓNICO do mirandês normal, isto é, não contando com a variedade falada em Sendim, constitui um sistema triangular de quatro graus de abertura, quer na série posterior, quer na anterior.



As duas vogais /é ó/ de terceiro grau de abertura representam em regra as vogais fechadas /e o/ do latim vulgar – /péra/, /şólu/ «só» adj. – e são realizadas normalmente como vogais médias, situadas entre *e* aberto e *e* fechado, *o* aberto e *o* fechado do português normal.

* Publicáu orixinariamente n'*Anais do Primeiro Simpósio de Filologia Românica*, Rio de Janeiro (Ministério da Educação e Cultura), 1970, páxs. 135-139.

As vogais /ê ô/ representam as vogais abertas do latim vulgar /ɛ ɔ/ – /ʃête/, /r̄ôda/. Quanto à sua realização, o fonema /ê/ aparece muitas vezes sob a forma de um ditongo crescente /iɛ/, cujo primeiro elemento é quase sempre reduzido, mas mais freqüentemente ainda como uma vogal simples, que num grande número de casos se pode identificar como o *o* fechado do português normal. /ô/, por sua vez, embora possa apresentar-se também como ditongo /uo/, é quase sempre realizado como uma vogal simples, identificável muitas vezes como o *o* fechado do português.

Fora estas realizações, que se poderiam considerar ótimas, surgem porém com grande freqüência, sobretudo na fala rápida mas também numa pronúncia pausada, outras actualizações destes fonemas que, não respeitando a margem de segurança indispensável para o bom funcionamento das oposições vocálicas em questão, os leva a invadir o campo de dispersão dos fonemas vizinhos e muitas vezes a fundirem-se com êles. No terceiro grau, se aparecem realizações mais abertas – (p̄era), (ş̄olu) podem também surgir outras mais fechadas – qualquer coisa como (p̄ere), (ş̄olu) –, idênticas às das vogais do 2º grau. Estas, por seu lado, oferecem com grande freqüência realizações muito fechadas, que podem ir até ao ponto de se confundirem com a realização das vogais do 1º grau: (ş̄iti), (r̄uđe).

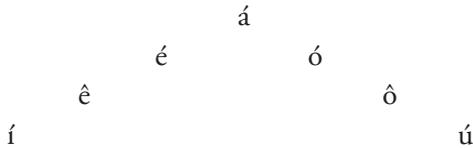
Na variedade de Sendim os factos são fundamentalmente os mesmos, com as seguintes diferenças: no segundo grau nunca há ditongos, aparecendo os fonemas realizados sempre como vogais simples, que podem ser idênticos ou pouco mais fechadas que as do português – (ş̄etⁱ, ş̄et^t), (r̄ođe, r̄ođe) – mas que com grande freqüência bastante superior à de mirandês normal, são antes idênticas a /i u/ – /ş̄itⁱ/, /r̄uđe/.

Por seu lado as vogais de 1º grau /í ú/, que podem surgir como (i u), sofrem freqüentemente uma deslocação que as centraliza, ocorrendo então (ú), com um som semelhante ao do *ü* francês ou antes do *u* sueco, e /i/ como um *i* central não labializado, uma espécie de *i* duro

russo, ou então como um ditongo decrescente cujo primeiro elemento é aquela vogal central e o segundo um iod: /lús/ = (lus) ou (lÿs); /bída/ = (bide), (bīde), (biïde).

Quer dizer pois que no mirandês, muito particularmente na variedade sendinesa, abstraindo de qualquer contexto real, (mid^u) (mulo) tanto se podem interpretar como realizações das palavras fonológicas (mídu) «meço» (múla) «mula» como de (mêdu), (môla) «dente».

A situação que acabo de descrever a largos traços é o que se pode chamar uma situação crítica. A sua explicação diacrónica parece-me evidente, a partir de uma fase anterior em que as vogais abertas latinas (ē ō) estavam representadas constantemente por ditongos difonemáticos (ié ūó) e em que portanto havia um sistema vocálico triangular de três graus de abertura.



sendo (é ó), tal como hoje, duas vogais mais fechadas que (é ó), de português, embora um pouco mais abertas que (ê ô).

Ao dar-se a redução dos ditongos (ié, ūó) completa em sendinês, muito avançada, sobretudo na série posterior, no mirandês normal os resultados vieram intercalar-se entre os fonemas vocálicos de primeiro e segundo grau de abertura. Mas sendo as vogais de segundo grau, de abertura relativamente pequena, resulta daí que a distância entre os novos fonemas vocálicos (ê ô) e os antigos (é ó) não é bastante para que as respectivas realizações se mantenham sempre distintas. Daí a tendência para abrir por vezes as actualizações de (é ó) (mirandês normal), mas sobretudo para fechar as de (ê ô) até ao seu encontro com (í

ú) que, fugindo a esta pressão, adquirem já, em sendinês, um carácter central, que poderia levar (mas não levou ainda) a um sistema profundamente diferente do actual.

Esta a explicação histórica. Sincrònicamente o que me parece particularmente importante é observar como a «confusão» nas realizações dos fonemas não traz consigo, ao menos por enquanto, a fusão dos fonemas: (é ê í), (ó ô ú) mantêm a sua individualidade fonológica, mesmo quando nas suas actualizações essa individualidade parece destruída.

E a razão está, me parece, em que os dois fenómenos, «confusão» e distinção, se situam «em dois planos diferentes: êste no plano paradigmático, ou do sistema pròpriamente dito, aquêle no plano do discurso, ou da corrente da fala. Neste se dá o que poderia julgar-se uma «confusão» de fonemas, mas, pelo recurso constante (inconsciente) ao paradigma, em (pêdra) embora pronunciado (pidre), ou em (kêru) mesmo quando pronunciado (ker^u), a vogal tónica é identificada, tanto por quem fala como por quem ouve, como o mesmo fonema (ê), e não como (í) ou (é) respectivamente» (*Fonologia mirandesa*, I, § 3.32).

Mas os factos descritos têm, segundo creio, uma outra importante significação porque, se não me engano, êles nos fazem compreender qual o mecanismo, ou ao menos um dos mecanismos possíveis dos fenómenos de evolução em cadeia. Quando (ê) tende a uma realização constante como (i), e (í) por sua vez por ser realizado como (i, i̇) nós podemos compreender como, p. ex., na simplificação das geminadas, na sonorização das oclusivas surdas, na fricatização e perda das sonoras não é necessário supor que uma fase esteja completa quando outra se inicia.

Isto é, na cadeia

$$tt \rightarrow t \rightarrow d \rightarrow \check{d} e$$

quando a geminada se simplificava, não é necessário supor que a surda simples já se tivesse sonorizado, sendo a sonora já uma fricativa; ou

então que a oclusiva surda fôsse então uma oclusiva branda, embora surda, distinta portanto de *t* < *tt* e de *d*. Podemos bem admitir a possibilidade de que o fonema geminado (*tt*) fôsse realizado umas vêzes ainda como geminado, outras porém já como simples, enquanto a consoante simples começava a conhecer realizações sonoras e por sua vez a sonora podia ser actualizada ora como oclusiva, ora como fricativa.

Compreendemos ainda que, embora o movimento partisse da geminada em ação de se simplificar, tratando-se portanto do que Martinet chama «cadeia de propulsão», a fase de sonorização devesse estar completa antes de *completar-se* (não de *iniciar-se*) a simplificação das geminadas. Realmente, se um antigo (*tt*) fôsse agora realizado *sempre* como (*t*), antes do primitivo fonema (*t*) ter passado a fase seguinte, é evidente que (*tt*) e (*t*) se teriam fundido. Mas tendo pôsto a cadeia em movimento, um antigo (*tt*) poderia continuar ainda a realizar-se ora como (*tt*) ora como (*t*), quando já o primitivo (*t*) passara a (*d*).

Aceitando isto, aceitaremos mais facilmente, p. ex., a explicação recente da fusão das sibilantes áptico-alveolares nas predorso-alveolares do português meridional que, segundo Jungemann, teria sido provocada por um aumento de freqüência em início de palavra do fonema (*š*), proveniente da simplificação da africada (*č*). Este fenómeno estava concluído bem um século mais tarde que aquele, mas podia realmente ter-se iniciado mais cedo, dando origem ao movimento.

A explicação não é muito verossímil, mas as razões são outras, que não vem para aqui agora expor.

* * *

O Professor Sílvio Edmundo Elia relata, na sexta sessão ordinária, no dia 26 de agosto, a comunicação acima, escusando-se de não fazê-lo por escrito, porque os trabalhos de secretário do Simpósio o vêm absorvendo. Resume a descrição sincrônica do vocalismo do mirandês

normal e do sendinês, segundo o expõe o autor da comunicação, e aprecia a questão da situação crítica em que se acha êsse vocalismo, para em seguida considerar a explicação diacrônica sustentada pelo autor, que aceita como cabal, propondo que a comunicação seja aprovada.

O Professor Lindley Cintra, detendo-se em certas realizações apontadas no mirandês normal em que, em determinados casos, existem ditongações que correspondem a vogais simples do sistema, pergunta se não há oscilação pura e simples.

O Professor Diego Catalán manifesta sua estranheza ante o fato de conviverem no sistema descrito tôdas as realizações apontadas, perguntando se não se trata de extremação de análise em que são comparadas realizações individuais, num plano de tipo sincrônico.

O Professor Herculano de Carvalho, na resposta, detém-se em explicação de como o sistema funciona sem que as realizações importem na confusão dos fonemas.

O Professor Ernesto Faria encerra os debates, dando por aprovada a comunicação.